

Metodologias alternativas: aproximações entre Paulo Freire e as epistemologias do sul, características e interfaces possíveis

Alternative methodologies: approximations between Paulo Freire and the epistemologies of the South, characteristics and possible interfaces

Ascísio dos Reis Pereira¹

Resumo

Através de pesquisa bibliográfica, pretendemos nesse texto, pensar criticamente a possibilidade de olhar para o todo de algo e, ao mesmo tempo, o que o condiciona a identificar cada parte que conforma esse todo. É a partir daí que o sujeito assume um lugar: um ponto de vista, segundo Freire (2015). É nesse processo que a democracia encontra seu fundamento, na diversidade de pontos de vista e na possibilidade de assumirmos este ou aquele “lugar” depois de criticamente examinarmos os pensamentos anteriores. A emancipação é condição para que esse processo aconteça. Ocorre que, é através da educação que coletamos os elementos para que nossa constituição emancipatória seja possível. Nesta trilha, encontramos na dialogicidade trazida por Freire (1987) um dos caminhos possíveis para que a democracia opere conforme seu conceito (meio) e a educação atue na direção e com vistas à emancipação (fim). Nesta mesma perspectiva crítica é que caminham as epistemologias do sul, através da ecologia dos saberes e da sociologia das ausências. Boaventura de Sousa Santos (2018) nos ensina que estar com Freire é estar dentro dos diálogos Sul/Sul. Este trabalho ocupa-se em pensar a educação libertadora e emancipatória sob a luz do pensamento de Freire com as epistemologias do sul.

Palavras-chave: Emancipação. Dialogicidade. Epistemologias do sul. Libertação. Autonomia. Crítica.

Abstract

Critical thinking gives the individual the possibility of looking at the whole of something and, at the same time, conditions him/her to identify each part that makes up this whole. It is from there that the individual assumes a place, a point of view, according to Freire (2015). It is in this process that democracy finds its foundation, in the diversity of points of view and in the possibility of assuming this or that “place” after critically examining previous thoughts. Emancipation is a condition for this process to take place. Through education we collect the elements so that our emancipatory constitution is possible. We find in the dialogicity brought by Freire (1987) one of the possible ways for democracy to operate according to its concept (means), and education to act in the direction and with a view to emancipation (end). In this critical perspective, the epistemologies of the South walk, through the ecology of knowledge and the sociology of absences. Boaventura de Sousa Santos (2018) teaches us that being with Freire (2015) is being within the South/South dialogues. This work thinks about liberating and emancipatory education in the light of Freire’s thought and the epistemologies of the South.

Keywords: Emancipation. Dialogicity. Epistemologies of the South. Liberation. Autonomy. Criticism.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil. Professor Associado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. *E-mail:* ascisio.pereira@ufsm.br

Introdução

Pensar com Paulo Freire de forma crítica, através de uma pesquisa bibliográfica, é levar a sério a formação humana contida em suas ideias, esta é a pretensão fundamental deste trabalho. Para além de ser um pensador da Educação, ele foi, sobretudo, um pensador do ser humano no mundo e com o mundo, perspectiva cara a Freire (2015) como sujeito de seu tempo que buscou esperanças para além do nosso tempo. Ainda que estejamos há mais de duas décadas de sua partida, reler seus textos hoje parece um diálogo atual com nosso confuso instante, inseguro, incerto e amedrontador. Momento de ausência de diálogos e de acirrada intolerância, tempos difíceis e que podem ser bem compreendidos, com a ajuda das análises críticas de nosso saudoso mestre. Assim, retornar a Freire (2015) é condição para respirar, pensar e manter esperanças, sustentadas por suas críticas e francas observações sobre uma educação dialógica à deriva em um mar de falta de civilidade mínima para o diálogo.

O mestre de terras sofridas do lindo nordeste brasileiro, tinha muita consciência do pensar ao falar em crítica, trazia em mente as três clássicas críticas de Kant, a saber: crítica da razão pura, crítica da razão prática e a crítica da faculdade do juízo. Sabia muito bem Hegel, Marx e a filosofia alemã do século XIX, assim como, também, não ignorava a distância abissal que o Brasil dista de tal pensamento. Pensar com o saber clássico era, para ele, condição fundamental ao diálogo com as classes populares, pois almejava sempre a ética do ser mais, e não há como ser mais se não com a profundidade do conhecimento humano em sua generalidade.

Refletir aqui sobre a generosidade de Freire (2015) conosco é lembrar que um guerreiro com seu tamanho, pode ser muito combatido, porém jamais vencido. Não se critica quem não tem o que dizer ou nada significa, critica-se quem incomoda, pois ideias permanecem para além do espaço temporal dos grandes gênios como foi o mestre Freire (2015). Por isso, articular ideias para refletir

sobre um pensamento autêntico e problematizador torna-se, para nós, hoje, um prazer e um luxo. Sim, Paulo Freire (2015) é um presente absoluto e uma contribuição original e necessária à sociedade brasileira e ao mundo, ler e reler Freire (2015) constitui-se quase que em ato obrigatório não só para o Brasil, como também a todo o mundo atual. Para dialogar e pensar sobre os caminhos humanos em uma cultura de compreensão e de paz, o nosso grande mestre segue sendo fundamental como na afirmação de Walter Benjamin (2015, p. 47), “onde se ausenta a cultura, impera a barbárie!”. Com diálogos, círculos de cultura e Educação Popular, viva mestre Freire e tantas e tantos seres atuantes nestes princípios pedagógicos resistentes e na crença do ser mais e na construção da cultura superadora do obscurantismo presente no mundo. Refletir aqui entre Brasil e Portugal, pensar estes dois mundos nos demanda um quase ensaio, pois ensaio, como nos informa Theodor Adorno, é algo um tanto diferente, como podemos perceber a seguir:

O ensaio não compartilha a regra do jogo da ciência e da teoria organizada segundo as quais, como diz Espinosa, a ordem das coisas seria a mesma que a das ideias. Já que a ordem sem lacunas dos conceitos não se identifica com o ente, o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. Ele se revolta, em primeiro lugar, contra a doutrina, arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável, o efêmero, não seria digno da Filosofia; revolta-se contra essa antiga injustiça cometida contra o transitório, pela qual ele é mais uma vez condenado, no plano do conceito [...]. A objeção contra ele, de que seria fragmentário e acidental, postula a totalidade como um dado e, em consequência de sujeito e objeto; comporta-se como se dispusesse do todo. Mas o ensaio não quer captar o eterno nem destilá-lo do transitório; prefere perenizar o transitório. A sua fraqueza testemunha a própria não-identidade que ele deve expressar [...]. Naquilo que é enfaticamente ensaio, o pensamento se libera da ideia tradicional de verdade (ADORNO, 1995, p. 147).

Então, em Freire (2015), para a compreensão do inédito viável, recorreremos àquilo que o mestre tanto valorizou na formação de professores

e professoras, com vistas ao mundo da vida e do trabalho, o desejo do “ser mais”. Freire (2015) é, por excelência, um pensador da relação Sul/Sul, (SANTOS, 2018) embora sempre dialogando respeitosa e conscientemente com o Norte Global como conceito geográfico, mas também referência epistemológica a ser debatida no plano da práxis pedagógica e histórica enriquecedora aos diálogos fundamentais no crescimento teórico e prático do seu pensar a partir do hemisfério sul. Estar no mundo, para Freire (2015), é estar no mundo com os outros, como prática concreta da ação política e também do debate intelectual, ao discutir formação ele afirma:

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos – conteúdos – acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos (FREIRE, 2015, p. 24-25).

Ensinar para Freire é algo plural e democrático na relação entre sujeitos, o que renova o pensar pedagógico. Podemos aqui entender seu alinhamento teórico do estar no mundo de forma plural e, com isso, dialoga com as epistemologias do sul, em seu substrato essencialmente teórico, naquilo a que estas se propõem, novos paradigmas ao conhecimento e diálogo democrático plural entre o Sul e o Norte, sejam eles geográficos ou epistemológicos. Em seguida, pensamos com Freire (2015) o “educar para o ser mais” através da formação.

A dialogicidade epistemológica, política e ética em Freire e seu diálogo com as epistemologias do sul

Autonomia dos educandos e das educandas, na condição de sujeitos frente ao mundo, através de uma epistemologia dialógica em outra educação possível. Através de uma outra concepção e metodologia possíveis. Segundo Freire (2015), pode-se

realizar um outro aprendizado, aquele que coloca os pontos limites na intermediação ética. As relações entre, educadores e educandos, são estabelecidas tendo como parâmetros mudanças fundamentais na hierarquia dos saberes, portanto, serem mediadas por parâmetros éticos em que ambos, educadores e educandos, são vistos como sujeitos dos processos de construção do conhecimento, então, se supera, na perspectiva epistemológica, a relação sujeito e objeto. Desta forma, trata-se de uma outra relação, sujeito/sujeito, uma epistemologia somente possível ao ser permeada por uma ética do ser mais.

Assim, ao pensar o ser mais do humano no mundo, articula o ato formador no que esse se distingue da ideia de educar como treinar. Sair da curiosidade ingênua para chegar à consciência crítica que deve transformar-se em epistemológica. Assim, criticando duramente as mazelas provocadas na sociedade pelas políticas econômicas excludentes das sociedades neoliberais. Portanto, a consciência articulada pela práxis transformadora, torna-se possível através da educação libertadora presente em nosso autor.

A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão (FREIRE, 2015, p. 32-33).

A tarefa docente, segundo Freire (2015), deve ser pensada através do comprometimento ético com os excluídos e marginalizados do mundo. Se, para ele, o mundo deve ser plural, não cabe a exclusão de nenhuma parte e, desta forma, as promessas não cumpridas pelas políticas neoliberais, constituem-se em engodos que devem ser recusados por uma pedagogia de fato crítica e transformadora da realidade. Formar para o mundo plural significa desenvolver a plenitude dos educandos com vistas a uma sociedade sem opressores e oprimidos, educadoras e educadores que pensem que, estar no mundo com os outros, é recusar qualquer forma de injustiça. Ser na completude, para Paulo Freire (2015), significa

estar sempre atento ao mundo e uma das tarefas da educação é formar pessoas que tenham sempre essa questão como ponto central na vida.

Através de uma construção mais horizontal, como propiciar a formação e o crescimento dos seres humanos? As ações coletivas, como estão presentes nas ecologias dos saberes (SANTOS, 2018), produzem este “estar no mundo” com os outros defendido em Freire (2015). Ele que, por seu lado, dialogava muito nessa perspectiva através da ideia de sermos em coletividade, então nós não somos simplesmente indivíduos, mas nós somos enquanto estamos no mundo e estamos no mundo com os outros. Então, para dialogar e pensar sobre os caminhos humanos, sobre uma cultura de compreensão e de paz, nosso grande mestre segue sendo fundamental, repetindo o pensador alemão Walter Benjamin (2015) para que não se esqueça “onde se ausenta a cultura impera a barbárie”. Então através dos diálogos, círculos de cultura e educação popular, Freire (1987) segue princípios pedagógicos resistentes na crença do ser mais na construção da cultura superadora do obscurantismo presente no mundo, assim refletir entre esses dois mundos, o mundo latino-americano, com Freire (2015) e o mundo, onde as epistemologias do sul são sempre uma referência para nós, que é pensar o norte geográfico do planeta, mais particularmente Portugal e, esse diálogo através das epistemologias do sul, são teorias articuladas com a perspectiva de construção de uma outra cultura, gestação de um mundo, de um outro mundo possível, e essa construção é dialógica, coletiva e de esperança, esperança real na ação concreta das pessoas e não na esperança vã e etérea.

Então para Freire (2015), a compreensão do inédito viável, inédito porque ainda não aconteceu ou pelo menos, não é hegemônico e predominante deve ser o horizonte a ser perseguido com vistas a uma educação emancipadora. Assim, a ideia conceitual presente nas epistemologias do sul, como a de um outro mundo possível, tão cara às perspectivas do professor Boaventura de Souza Santos (2018), referência fundamental desse movimento epistemológico, que entende, como movimento,

que nas epistemologias do sul, em Portugal, em África e América Latina, há diálogo vivo e possível com o que pensava Paulo Freire.

No movimento por outros valores, pela busca de uma outra humanidade, o que valoriza a formação de professoras e professores, com vistas ao mundo da vida e do trabalho, com o desejo de ser mais, isso é importante conceitualmente, quando o colocamos como mundo da vida e do trabalho, porque Paulo Freire (2015) aqui, dialoga a partir da educação crítica, e também das pedagogias críticas e, para essas pedagogias, torna-se fundamental entender que se pensa em educação: para quê? E para quais educamos? Educamos para o mundo da vida e do trabalho, ou seja, educamos para formação integral dos seres humanos em direção à vida plena e solidária. Essa tese se contrapõe fundamentalmente à educação tradicional, que traz a ideia de mercado de trabalho, onde o sistema capitalista afirma o conceito de mercado, acreditam na formação para o mercado, então a importância não está nas pessoas, está no mercado, assim teríamos que adequar as pessoas ao mercado.

Em outra perspectiva, a teoria crítica dá outro sentido à visão educacional, quando nós educamos o fazemos para o mundo da vida, porque nós educamos seres humanos para a vida e não máquinas para compor engrenagens alimentadoras do mundo capitalista. Trabalho é uma necessidade e a vida é a essência daquilo que temos e precisamos manter, daí Freire (2015) dizer do desejo de “ser mais”, então ele é por excelência, o pensador da relação Sul/Sul, como imperativo ético. São diálogos fundamentais ao nosso crescimento no mundo, segundo Freire (2015) estar no mundo com os outros, é prática da ação política, também, do debate intelectual, Paulo Freire, afirma que, “se na minha experiência de formação, na experiência da minha formação que deve ser permanente” (FREIRE, 2015). Portanto, nosso período de educação, nunca vai terminar, começando por aceitar que:

[...] o formador é o sujeito em relação a quem me considero objeto, ele é o sujeito que forma e eu, objeto por ele formado. Me considero como

um paciente que recebe conhecimentos, conteúdos acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos (FREIRE, 2015, p. 29).

Então, Paulo Freire dialoga com os pensadores do hemisfério norte, particularmente do mundo europeu, na condição saudosa de pensador. Dialogou com os grandes pensadores como Hegel, Marx e Kant. No entanto, essa trajetória de formação, não fez dele um idealista, sua visão de mundo, a partir do conceito geográfico do Norte não prevaleceu único em seus pensamentos, não é só a sua experiência brasileira, mas sim como um pensador brasileiro, refletindo a partir do hemisfério sul, condição abissal frente ao Norte Epistemológico. Portanto, suas contribuições epistemológicas fundamentais, para a relação sujeito/sujeito, estão dialogando com o norte epistemológico que pensa a teoria crítica presente nas epistemologias do sul.

Então na relação sujeito/sujeito, norte e sul, ensinar para Freire (2015), é plural e democrático, na relação entre sujeitos se renova o pensar pedagógico, podemos entender assim seu alinhamento teórico sobre o mundo de forma plural, com isso dialoga com as epistemologias do sul, naquilo que elas se propõem, novos paradigmas ao conhecimento, um diálogo democrático e plural entre o sul e o norte, sejam eles geográficos ou epistemológicos. A autonomia dos educandos e das educandas, também presentes nas ecologias dos saberes, que pensam sujeitos frente ao mundo, em uma epistemologia dialógica, para outra educação possível, pode se realizar outro aprendizado que assim, coloca os pontos limites das intermediações éticas, as relações entre educadores e educandos são estabelecidas tendo parâmetros, fundamentais para a hierarquia dos saberes, sendo, portanto, mediadas por parâmetros éticos. Dessa forma, educadores e educadoras, educandos e educandas, são sujeitos dos processos de construção do conhecimento, supera-se nessa perspectiva epistemológica, a relação entre sujeito e objeto, trata-se de outra relação, sujeito/sujeito, uma epistemologia somente possível, por uma ética do “ser mais”. Assim, ao pensar o ser mais do humano no mundo, articula-se o ato

formador no que se distingue da ideia de educar como treinar.

Então, partindo-se do pressuposto de que a existência do outro significa, é que as epistemologias do sul se posicionam frente ao mundo e ao interesse fundamental na política como elemento articulador dos seres humanos com o mundo, além dos limites territoriais norte/sul. Só há, segundo Boaventura de Souza Santos (2018, p. 23) “um sul geográfico epistemológico, por haver um norte geográfico que determina uma epistemologia que se acredita única, se encontra carregada de lógica opressora do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado”. Então, quem não é reconhecido pelos outros é o “não ser”, impossibilidade do desejo humano que é, por excelência, ser para o mundo, responsável nesse lugar concreto, existência humana em si, sentido maior da vida, a condição do ser no mundo, cobra a dignidade de querer para si, o seu destino, daí a necessidade da política como ato de liberdade e pensamento, identidade no mundo com os outros, gerando reconhecimento e pluralidade. O que é negado no processo abissal, separador de existências pela hierarquia estabelecida historicamente ao criar a superioridade do Norte geográfico sobre o Sul, sedimentando diferenças econômicas, políticas e antropológicas. Dado o desenvolvimento desigual do capitalismo e a persistência do colonialismo ocidentalcentrico, o Sul epistemológico e o Sul geográfico, sobrepõem-se parcialmente, especialmente no que se refere aos países que foram sujeitados ao colonialismo histórico. Porém, essa sobreposição é apenas parcial, não só porque as epistemologias do norte também florescem no Sul geográfico, ou seja, o Sul imperial, as pequenas Europas epistemológicas que se encontram presentes no Sul global e são frequentemente dominantes na América Latina e produziu também o colonialismo epistemológico cognitivo, então Boaventura de Souza Santos (2018) fala na perspectiva abissal, há isolamento e extermínio de pessoas no norte geográfico, isso cobrou da política uma declaração universal dos direitos humanos.

A sociedade em sua diversidade, demanda da escola uma nova reestruturação de seus currículos,

pois somos aprendentes de maneiras diversas e devemos respeitar o conhecimento de nosso aluno e, principalmente, compreendê-lo como incompleto, assim como nós educadores, exaltando suas possibilidades e acompanhando seus avanços. Discutiremos dentro das epistemologias do sul essas questões a seguir.

As epistemologias do sul problematizam dialogicamente

Pois, se de um lado, traz a ideia de uma proteção universal aos seres humanos, tem por outro lado, um suave disfarce de universalidade, visto que se estabelece um império das verdades epistêmicas e políticas do norte sobre o sul geográfico, colonialismo epistemológico e predominância de valores e princípios que não reconhece o outro lado da linha abissal, daí a afirmação:

Inicialmente centrada na crítica do conhecimento científico, atualmente a epistemologia tem a ver com a análise das condições de produção e identificação do conhecimento válido, bem como de crenças justificadas. Possuí, por consequente, uma dimensão normativa (SANTOS, 2018, p. 48).

Nesse sentido, as epistemologias do sul desafiam as epistemologias dominantes em dois níveis diferentes. Por um lado, consideram crucial a tarefa de identificar e discutir a validade dos reconhecimentos e de modos de pensar não reconhecidos como tal pelas epistemologias dominantes. As pesquisas desenvolvidas no campo das epistemologias do sul, apresentam essa abissal condição da morte teórica e epistemológica de uma parte e o genocídio econômico, político, antropológico e social por outra, provocada todos os dias desde o início do chamado processo colonizador europeu no século XVI. As epistemologias do sul incidem em processos cognitivos relacionados com o significado, a justificação e a orientação na luta, disponibilizados pelos que resistem e se revoltam contra a opressão. “A questão da validade e pré conhecimento, um impulso intelectual e político pragmático que

implica a necessidade de escrutinar a validade do conhecimento que circula no âmbito da luta ou que é gerado pela própria luta” (SANTOS, 2018). Então, sobre a possibilidade da concretização de uma sociedade plural, dotada de direitos na sua integridade, é fundamental que os acontecimentos nebulosos deixem de se repetir, é imprescindível que cada um, como ser pertencente à humanidade, garanta suas próprias ações no mundo como sujeitos de direitos e as barreiras epistemológicas, da perspectiva Norte e Sul, serão superadas com o engajamento e comprometimento coletivo e plural para a mudança das consciências, produzindo o fim do colonialismo, do capitalismo e do patriarcado.

O que significam então as sociologias das ausências? O que são as ecologias dos saberes dentro das epistemologias do sul? E qual o significado dessas questões para o processo educativo? São conceitos e lutas decisivas para a superação do patriarcado, do colonialismo e do capitalismo, fim das opressões propriamente ditas e a construção de uma sociedade igualitária, gerando outro mundo possível, educação com outros valores, utopias que se concretizam para abrir espaço a novas e essenciais possibilidades à condição humana frente ao mundo, produção da vida e do desejo humanos de estar no mundo com os outros, como também está presente em Freire (2015).

Problematizar valores e dentro dos valores ressignificar a ideia de hierarquia, então como superar o processo colonizador nas escolas? Assim, questões como racismo, sexismo, discriminação, enfim, não nos faltariam pontos complexos para elencar. Dialogar no espaço das universidades, qual é o diálogo da universidade efetivamente com a sociedade, particularmente, no que concerne à divisão de classes sociais, porque as universidades brasileiras, sempre dialogam com a sociedade, mas sempre com a elite da sociedade, dialogar com as classes populares é outra questão, talvez somente possível em outras epistemologias. Então, primeiro: “quem educa os educadores?”. Uma questão que o filósofo alemão Karl Marx nos trouxe já no século XIX, ou ainda: “quem educa os professores?”. A estrutura da formação tradicional, não é só na

educação, mas em todas as áreas e níveis da educação, aparece na ideia de que, graduou-se, formou-se em uma determinada área, torna-se uma pessoa com a formação acabada, autoridade para falar ao mundo, daí a hierarquia clássica dos doutos. Dificulta-se dessa forma o diálogo efetivo com nossos alunos e alunas, é importante pensar no livro “Pedagogia da autonomia” de Paulo Freire, um livro com a ideia da formação continuada dos professores e professoras. Nós educadores e educadoras, não estamos prontos, a essa primeira condição, temos que problematizar nossos valores, daí regular aquilo que trazemos em nossas bagagens, a ideia de que na vida as coisas se apresentam como naturais, então o racismo estrutural, vive em cada um e cada uma de nós, é o subjacente que não consigo perceber, algo inerente ao ser que me constituí. Desta forma, talvez a Educação deva produzir uma outra sensibilidade, além da formação escolar, perceber o outro, falando de outra forma, educar para a empatia, estar com os outros para além das nossas diferenças aparentes. Assim, cria-se um compromisso ético entre as diferenças, para tanto, buscam produzir transformações profundas na estrutura da educação e da escola. É impossível pensar essa questão sem pensar a ideia de um outro mundo possível, articulação perfeita entre as epistemologias do sul e o pensamento dialógico de Paulo Freire.

Conclusão

Paulo Freire é marcado pela natureza política de seu pensamento. Isto se deve ao fato de que sua proposta educativa estar baseada justamente na intencionalidade política quando escreve que “Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política” (FREIRE, 2015, p. 47).

É através da educação que é forjado o futuro de um país. Para Freire (2015), a escola, por sua vez, ao receber os estudantes, recebe simultaneamente a esperança de um mundo melhor. Por este motivo, as instituições de ensino público traduzem-se em entidades importantes e indispensáveis na luta por uma sociedade cada vez menos

desigual. Refere-se aqui à luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas e como seres para si. Conforme Freire (2015) esta luta encontra seu significado na aceitação da desumanização como distorção possível no decorrer dos tempos e não como vocação histórica, e por isso pode e deve ser transformada.

Como dito, o pensamento de Freire admite a educação como fonte legítima de luta ante as diferenças de classe, pois é na escola que os estudantes se deparam com outras realidades muitas vezes distintas daquelas vivenciadas fora da escola. A partir desse novo contato, que une o conhecimento prévio do estudante com o conhecimento científico, é que o caminho à consciência crítica é aberto.

Para muitos a conduta crítica é concebida como perigosa. “A consciência crítica (dizem) é anárquica” (FREIRE, 2015, p. 31). Embora a sociedade ainda continue percebendo o indócil e o rebelde como alguém inadaptado, a pedagogia freiriana enxerga tal condição no sujeito como o ímpeto criador presente em cada homem e em cada mulher. Neste sentido, quanto mais rebeldia e “inadaptação” mais criador é este homem, Freire (2015). E ainda “A educação é mais autêntica quanto mais desenvolve este ímpeto ontológico de criar. A educação deve ser desinibidora e não restritiva” (FREIRE, 2011, p. 41). Do contrário, caminharemos ao encontro da domesticação, que inibe a criatividade e tolhe o educando não só do processo criativo como também da oportunidade de ser ele mesmo, “Isto significa, tomar o sujeito como instrumento. O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente” (FREIRE, 2011, p. 41). Busca-se destacar aqui que o comportamento crítico dos indivíduos é o elemento essencial do processo de transformação da sociedade e o caminho para a autoemancipação.

Na atualidade, as políticas públicas de governo no Brasil, têm como pano de fundo, trabalhar para mudar as políticas anteriores, que foram de retirada de direitos fundamentais dos cidadãos e cidadãs implementadas, uma desconstrução da

estrutura do Estado naquilo que concerne às políticas públicas. Uma dura luta para resistir a toda destruição recente implementada e que representa bem a lógica empreendida no processo de aprovação da maioria das políticas que é orientada para o atendimento de necessidades que não são as nossas, que não são as dos povos latino-americanos. Configurando-se no que Paulo Freire (2015) denomina de sociedades “seres para outro”. Esta lógica chancela a economia periférica, dependente e exportadora e que precisa ser superada.

Nesta mesma perspectiva caminham as epistemologias do sul, afirmando que existem as sociologias das ausências, também as ecologias dos saberes, que articulam o popular e o acadêmico e constroem conhecimentos fundamentais para aquilo que constitui a libertação e formação autônoma e crítica dos seres humanos. Neste ponto, há uma via de mão dupla entre a dialogicidade freiriana e as teses presentes nas epistemologias do sul à medida que caminham na crença da construção de um outro mundo possível. Daí utopias centrais que anseiam não mais serem utopias, pois assim poderão abrir caminho para novas utopias e, ao mesmo tempo, realizar concretamente antigas utopias que passam a sedimentar novas realidades.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a modernidade*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2018.

Recebido em: 20 dez. 2022

Aceito em: 20 mar. 2023